

REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE O PAPEL DA AULA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Curitiba (05/2009)

Inge Renate Suhr

Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER); isuhr@grupouninter.com.br

Flávia Dias Ribeiro

Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER); fribeiro@grupouninter.com.br

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: Educação Universitária

Natureza: Modelos de Planejamento

Classe: Experiência Inovadora

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a função da aula na organização do ensino na modalidade de educação a distância (EAD). É fruto de estudos e reflexões dos autores, a partir de suas vivências como docentes e coordenadores de cursos de pós-graduação na modalidade EAD, tendo como referência os modos como alunos e professores dos cursos compreendem o papel da aula. Na organização do texto, toma-se como ponto de partida a discussão de alguns elementos históricos sobre a incorporação da aula no processo de ensino e aprendizagem, seguida de crítica à mera transposição do modelo de aula do ensino tradicional presencial para a EAD e, por fim, a proposição de orientações para a organização da aula nessa nova modalidade. Nesse sentido, o texto aponta contribuições para a definição do papel dos encontros dialógicos, conhecidos popularmente como “teleaulas”, como momento para a promoção de situações desencadeadoras que mobilizem para a auto-aprendizagem, característica na EAD, bem como para a elaboração de sínteses a partir da aproximação a novos conhecimentos, propostos pelo professor.

PALAVRAS CHAVE

Encontro dialógico; Aula; Organização do ensino; Educação a distância.

A Educação a Distância (EAD) é uma modalidade que, embora não seja tão recente, tem se difundido sobremaneira na atualidade, principalmente devido às possibilidades criadas pelas tecnologias de informação e da comunicação. Não há como negar que a EAD pode ser uma valiosa ferramenta em prol da democratização do ensino no Brasil, mas para isso é necessário que se busque a constante melhoria de sua qualidade – elemento este que também deve perpassar a educação presencial. Na função de coordenadoras de cursos de pós-graduação na modalidade EAD temos buscado refletir sobre seus limites e possibilidades no momento atual, tendo por referência a instituição na qual atuamos.

O sistema utilizado pela referida instituição prevê a realização de encontros dialógicos interativos, organizados no Centro de Dialógica, na sede em Curitiba, e transmitidos ao vivo para todos os pólos de apoio presencial. Conta, também, com um ambiente virtual de aprendizagem – que oferece ferramentas variadas de estudo e interação – apoio de material didático específico para o curso, tutorias de conteúdo por radioweb e chat, apoio de

uma equipe de tutores no pólo e na sede. De todas as possibilidades de ensino previstas, percebe-se que o momento mais valorizado pelos alunos é o Encontro Dialógico Interativo, chamado informalmente pelos alunos de “teleaula”. A relevância deste momento para os alunos nos levou a refletir sobre o papel da aula na EAD, tema deste artigo.

A ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM FORMATO DE AULA – ELEMENTOS HISTÓRICOS

Iniciaremos nossa reflexão abordando brevemente a história da organização do processo ensino-aprendizagem em formato de “aula”, já que a maioria de nossos alunos, assim como a quase totalidade de professores que vêm atuando na EAD, cursou sua graduação no sistema presencial e, portanto, suas referências advêm deste modelo.

A questão da organização da seqüência de atividades de ensino-aprendizagem vem sendo foco de estudos de vários educadores, desde que surgiu a escola como hoje a conhecemos, no momento de consolidação da sociedade capitalista. Naquele momento havia poucas possibilidades de organização, já que os recursos – financeiros, humanos e tecnológicos – eram poucos. Assim, a escola, que mais tarde recebeu a alcunha de “tradicional”, organizou-se a partir da centralidade do professor, visto como transmissor de conhecimento. Aos alunos, compreendidos como seres passivos, cabia o papel de assimilar os conteúdos transmitidos e, mais tarde, aplicá-los à vida fora de sala.

Herbart, filósofo alemão do século XVII, propôs uma estrutura para as atividades de ensino-aprendizagem, que orientou a prática pedagógica na escola tradicional e que, apesar das intensas mudanças ocorridas da sociedade desde então, ainda é referência para a organização das aulas neste início do século XXI. Segundo Saviani (1992), Herbart propunha os seguintes passos para a aula: Preparação, processo pelo qual o professor procurava relacionar o novo conteúdo a conhecimentos que o aluno já possuía, com o objetivo de causar interesse na matéria; apresentação ou demonstração do conteúdo novo; associação, fase na qual o professor orienta a assimilação do

assunto pelos alunos por meio de comparações e relações com conteúdos já aprendidos anteriormente; generalização, etapa de grande importância para desenvolver a mente além do imediato e na qual, partindo do conteúdo recém-aprendido, o aluno deverá formular regras globais. Finalmente, a última etapa é a da aplicação, que tem como objetivo mostrar a utilidade do conteúdo aprendido.

Esta forma de organizar as aulas foi questionada pelo movimento da “Escola Nova”, típico do início do século XX, que propunha o aluno como centro do processo educativo. Para esta linha, mais importante do que assimilar os conteúdos científicos, era desenvolver atitudes de busca do saber (aprender a aprender), por meio de atividades de pesquisa, jogos, trabalhos em grupo, experiências, etc. Libâneo (1985) demonstra que nesta configuração já não cabia ao professor transmitir o conteúdo e sim, orientar e apoiar o grupo de alunos, a partir dos interesses que estes demonstravam.

Embora tenha contribuído para que se compreendesse o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, autores como Saviani (1992) apontam para a relativização dos conteúdos como um dos pontos falhos desta concepção, afirmando que ensino não é pesquisa e sim, transmissão de saberes que poderão, depois de assimilados pelo aluno, propiciar que ele busque, autonomamente, novos saberes. Dito de outra forma, segundo Saviani (op.cit) determinados conteúdos precisam sim ser transmitidos por um professor competente, tanto no que se refere ao saber específico da área, quanto ao saber didático.

A partir da década de 1950, impulsionada pela ditadura militar no Brasil e pelo desejo de desenvolvimento científico e industrial, cresceu a tendência tecnicista de ensino. Com o foco na formação de mão-de-obra habilitada para os cargos médios surgidos nas empresas multinacionais atraídas para o país, o tecnicismo procura aproximar a escola da empresa. Busca eficiência, eficácia, racionalidade, neutralidade e produtividade no ensino, usando de maneira significativa o modelo empresarial de organização e apoiando-se nas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Libâneo (op.cit) o ensino passa a ser concebido como treinamento e os conteúdos de ensino – organizados por especialistas – são aqueles que serão úteis para a inserção no mercado de trabalho. Ganham força os sistemas de auto-ensino, a instrução

programada, o ensino por módulos, os testes objetivos, planejados por especialistas e aplicados pelo professor. É possível perceber que tanto professor quanto alunos têm papéis secundários em relação ao planejamento e aos materiais instrucionais dos cursos.

A partir da redemocratização vivida pelo Brasil em meados dos anos 80 do século XX surgem várias concepções de ensino que buscam contribuir para a construção de uma escola cidadã, significativa para os sujeitos, capaz de lhes dar condições de se sentirem sujeitos de suas próprias histórias. Dentre estas concepções, podemos citar a Pedagogia Histórico-Crítica, descrita por Saviani (1992), que busca ressignificar as contribuições anteriores, mas a partir da clareza que toda metodologia traz implícita uma concepção de mundo, sociedade, homem e educação. Saviani (1992) afirma que tal pedagogia seria revolucionária, pois, por um lado, não seria ingênua a ponto de supor que a educação é capaz de resolver os conflitos e a desigualdade vividos na sociedade capitalista, pois estes são inerentes a este sistema. Por outro, recolocaria à escola o papel de ser sim, um dos elementos que pode contribuir para a transformação social rumo a uma sociedade mais justa.

A pedagogia histórico-crítica se difundiu a partir do início dos anos 80 do século XX e propôs que nem professor, nem aluno, nem conteúdo, nem materiais instrucionais sejam o centro do processo ensino-aprendizagem. Nesta vertente a ação pedagógica é uma interação entre aluno-professor-conhecimento e contexto histórico-social. A apropriação do conhecimento pelo aluno é mediada pelo professor, profissional com domínio técnico e metodológico, a quem cabe o papel de planejar as atividades de ensino-aprendizagem. Ao aluno, sujeito historicamente determinado, cabe o papel de se apropriar ativamente do saber trazido pelo docente, mas esta atividade é principalmente mental, com a intenção de compreender os fundamentos dos conteúdos e torná-los significativos para si. A superação do senso comum é o objetivo do ensino e ocorre por meio de um processo que parte do saber que o aluno já tem, o problematiza, reflete sobre ele, confronta com o novo conhecimento trazido pelo professor e permite a construção de novas sínteses. Neste sentido, para Saviani (2003) a escolha dos materiais de ensino está atrelada aos objetivos que se pretende alcançar.

A proposta acima descrita não alcançou posição hegemônica e foi perdendo força a partir dos anos 90 do século XX. Novas contribuições foram se pondo no cenário educacional, de modo que hoje convivemos com uma infinidade de orientações, propostas e encaminhamentos. Mesmo assim, acreditamos na importância de considerar que o processo ensino-aprendizagem deve se organizar tendo como referência a relação do aluno com o conhecimento mediada pelo professor, usando os diversos materiais e tecnologias de maneira a favorecer a apreensão crítica dos conteúdos. Entendemos também que o conhecimento, quando realmente é apropriado pelo aprendiz, transforma sua relação como o mundo e, por isso mesmo, abre possibilidades de transformação social.

CRÍTICA À TRANSPOSIÇÃO DA AULA NA EDUCAÇÃO PRESENCIAL PARA A EAD

Embora a EAD no Brasil tenha se colocado de maneira mais significativa após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394/96), é possível apontar as influências das tendências acima descritas na sua organização. Com certeza podemos perceber o papel significativo das tecnologias da informação e comunicação (TIC), que poderia nos remeter ao tecnicismo. Também podemos notar a ênfase na transmissão de informações a serem assimiladas pelo aluno sem interferência direta, o que poderia ser indicativo da proposta tradicional. Do mesmo modo, a busca da autonomia intelectual, da colocação do aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, aproxima a EAD do escolanovismo. Por outro lado, no papel de articuladores de vários cursos de EAD, acreditamos que esta modalidade de ensino pode sim, oferecer possibilidades de assimilação crítica do conhecimento pelo aluno por meio da mediação de um professor competente no que se refere ao conteúdo específico e à didática, o que nos aproximaria da Pedagogia Histórico-Crítica.

A percepção dessas influências nos permite concluir que a EAD, embora seja uma modalidade diferenciada, que implica em formas de organização e saberes diversos daqueles comumente associados à educação presencial, vem se constituindo sobre as bases dessa modalidade de ensino.

Como a expansão da EAD ainda é recente no Brasil, poucos são os que têm formação específica nesta modalidade de ensino e tanto os professores como os demais profissionais que hoje nela atuam, foram formados no ensino presencial e nele iniciaram sua atuação, aprendendo a prática profissional neste ambiente.

No decorrer de nossa prática na coordenação de cursos é possível perceber posições semelhantes ao apresentado por Guedes, Mehlecke e Costa (ano?), que realizaram um estudo empírico com o objetivo de identificar a percepção dos docentes sobre a modalidade a distância e o papel do professor. Esta pesquisa aponta que 55% dos professores de Ensino Superior consideram que o papel do docente no ensino a distância é o mesmo que no presencial. Quando perguntados se para ministrar aulas na modalidade a distância o professor precisa mudar sua metodologia, 100% dos professores de Ensino Superior pesquisados afirmam que não, além de 50% deles considerar que o papel do professor é o mesmo em ambas as modalidades. As autoras do referido estudo concluem que é urgente a formação continuada para a docência na EAD, elemento que, embora venha sendo objeto de várias ações na instituição em que trabalhamos, ainda precisa ser muito ampliado.

Quando convidados para lecionar na modalidade a distância em nossa instituição, é comum os professores manifestarem insegurança em relação ao uso das TIC e, ao mesmo tempo, não perceberem que é necessário repensar a forma de organizar o conteúdo e sua apresentação aos alunos.

Masetto (2003) afirma que o surgimento de novos espaços de aprendizagem tais como os utilizados pela EAD podem ser incorporados no processo de aprendizagem como uma nova forma de se contatar com a realidade ou fazer simulações facilitadoras de aprendizagem. O uso da internet para pesquisa, e-mails, fórum, chat, listas de discussão, portfólios, sites, homepages, vídeo e teleconferências, dentre outros, são novos ambientes por onde o aprendiz pode navegar para realizar sua aprendizagem, desenvolvendo a auto-aprendizagem e a interaprendizagem.

Porém, segundo o mesmo autor, novas atitudes dos alunos e dos professores são necessárias e deverão ser desenvolvidas. O aluno precisa desenvolver iniciativa, criticidade, curiosidade e criatividade. Já o professor deve desenvolver a clareza da necessidade de orientação constante aos

alunos, disponibilidade de atendimento, domínio dos recursos da informática e telemática. Precisa ainda, aprender a se comunicar por escrito com os alunos, realizar a mediação pedagógica a distância e, principalmente, planejar um curso com atividades a distância, com detalhismo e precisão.

Masetto (op.cit), nesse sentido, já nos adverte a respeito do perigo de que a organização do ensino na educação a distância se constitua como transposição do modelo das aulas tradicionais do ensino presencial. Segundo ele, *“o que não poderá acontecer, sob pena de perdermos essa riqueza, é colocarmos nas ferramentas da informática e da telemática apenas nossas aulas tradicionais”* (p.83). Infelizmente, ao que nos indicam nossa vivência e a pesquisa de Guedes, Mehlecke e Costa, é exatamente isso que vem ocorrendo. Faz-se necessário, por meio da formação continuada, preparar os docentes segundo uma nova concepção sobre a organização do processo ensino-aprendizagem na EAD, a começar pelo papel dos Encontros Dialógicos Interativos – “teleaulas”.

ORIENTAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DA AULA NA EAD

Segundo os princípios que regem a Educação a Distância, nessa modalidade o processo de ensino-aprendizagem ocorre desvinculado do espaço e do tempo, podendo ocorrer em qualquer lugar e a qualquer tempo. A mediação realizada não se dá exclusivamente pelo professor ou pelo tutor, mas se desenvolve por meio do material didático e das Tecnologias da Informação e Comunicação. Assim, a prática pedagógica desenvolvida ocorre num espaço constituído de forma virtual – Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com o apoio dos recursos tecnológicos disponíveis. Apesar da riqueza destes recursos, ressalta-se o papel do professor, procurando-se destacar a importância de se investigar e compreender possibilidades de mediação pedagógica na teleaula nessa modalidade de ensino e aprendizagem.

Vygotsky, em várias de suas obras, nos alerta para o fato da aprendizagem ser um fenômeno social, que ocorre por meio da mediação do outro social, seja ele o livro, o professor ou os companheiros mais experientes.

Esta mediação poderia se dar somente por meio das TIC mas, dado o histórico dos alunos brasileiros, cuja formação inicial foi feita na educação

presencial, o comparecimento a encontros em horários oficialmente demarcados, com a finalidade específica de tratar sobre os temas de uma disciplina se reveste de grande importância. É o momento de sentir-se parte de uma instituição de ensino, de deslocar-se de sua casa – muitas vezes bastante distante do pólo de apoio presencial – para “comparecer à aula”, participar da exposição realizada pelo professor junto com outros alunos e seu tutor local. Assim, a mediação propiciada por todo o sistema da EAD se amplia e incorpora aquela oferecida pelo contato com os colegas do pólo e com o tutor, por meio da troca de idéias, dúvidas, anseios e saberes.

Além de ampliar as possibilidades de aprendizagem devido à interação entre os pares, o encontro se caracteriza também como marcador temporal. Ele permite que o aluno se oriente em relação ao que está acontecendo na sede da instituição que frequenta, e, principalmente, indica em que etapa do auto-estudo ele deverá estar e indica o nível de exigência/aprofundamento exigido para os estudos. Além disso, desencadeia e mantém ativa no estudante a mobilização para o auto-estudo e mesmo para a busca autônoma de outras informações que, a princípio, nem fariam parte do que foi planejado para aquele curso e/ou disciplina. A fala do professor, um exemplo ou situação elencada por ele gera esta mobilização naqueles alunos que já desenvolveram níveis mais avançados de autonomia intelectual.

Sua organização poderia, nesse sentido, se assemelhar ao proposto por Vasconcellos (1996) e que aponta os seguintes passos para a organização do processo ensino-aprendizagem: mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e elaboração e síntese do conhecimento.

Segundo o autor a mobilização corresponde a uma sensibilização, a criação de uma atitude favorável ao aprender, principalmente trazendo elementos de realidade para desencadear a aprendizagem. Já a construção do conhecimento é a etapa na qual, por meio da interação dialógica, o professor favorece a superação do senso comum sobre o assunto por meio da problematização e da apresentação do novo conteúdo, oferecendo oportunidades de análise por parte dos alunos. A elaboração e expressão da síntese do conhecimento é o momento no qual o aluno é convidado a fazer suas próprias sínteses sobre o tema, incorporando dialeticamente o novo conhecimento e, a partir dele, ressignificando seu conhecimento anterior sobre

ele.

Na EAD precisamos imaginar algumas adaptações para a proposta acima apresentada. Como o professor não conhece presencialmente seus alunos precisaria realizar uma breve pesquisa sobre o público alvo do curso e, a partir dela, iniciar o encontro trazendo uma situação da prática social comum a estes sujeitos (dados da realidade concreta), que os mobilize para o tema. Não se trata, porém, de mera motivação, mas sim, da proposição de situações concretas próximas no que se refere ao critério temporal, nas quais o conhecimento a ser aprendido se coloque e permita uma leitura ampliada e crítica.

Após a proposição destes dados da realidade e do modo como são compreendidos no senso comum, o próximo passo seria a “desconstrução” desse mesmo senso comum por meio da problematização. Ao invés de simplesmente apresentar o conteúdo, trata-se questionar, apresentar casos, situações, textos, que coloquem em xeque a visão prévia dos alunos sobre o tema.

À problematização seguir-se-ia a apresentação do novo conteúdo, mostrando de que modo ele se articula com a situação da prática social apresentada ao início. Dito de outro modo, como ele permite a compreensão mais clara da realidade. Neste momento, o apoio ao material didático impresso pode ser de grande valia, permitindo que o aluno tome conhecimento das contribuições dos pesquisadores sobre o tema em pauta.

Finalmente, cabe realizar a síntese compreensiva do que foi trabalhado, organizando os conceitos de maneira nova, única, própria daquele momento. É quando o professor organiza e apresenta as idéias centrais, permitindo que o aluno tenha uma visão do todo. E esta, deve ser desencadeadora de atividades que ele realizará para registrar sua própria síntese do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos brevemente apontados indicam que a organização desses encontros precisa ser dialógica, desencadeando não apenas a assimilação de certos conceitos, mas a reflexão sobre o real a partir deles. Para isso, a experiência prévia do docente com o conteúdo no ensino presencial, desde que

ressignificada, é de grande valia, pois lhe permite imaginar e propor problematizações, simulações, casos, que orientem a aprendizagem. Permite ainda antever em quais tópicos ou conteúdos o aluno poderá apresentar maiores dificuldades e, a partir disso, imaginar formas de enfatizar tais pontos.

Para que o encontro dialógico, a “teleaula”, desempenhe o papel que estamos sugerindo, o professor precisa passar a compreendê-la como parte de todo um sistema de ensino-aprendizagem e não como “o momento” em que ela ocorre. Remeter o aluno ao material e às atividades disponibilizadas no ambiente virtual, relacionar com o livro-base, desencadear a necessidade de participar de fóruns, chats e outras possibilidades de tutorias, devem fazer parte da organização destes encontros, sinalizando para o próprio aluno que este é um momento importante, mas que precisa ser complementado por vários outros para que a aprendizagem se dê com sucesso.

Nesse sentido, defendemos que o momento da “teleaula” não precisa e não deve, necessariamente, reproduzir oralmente o que está escrito nos materiais de estudo do aluno e sim, desencadear a mobilização, o interesse na leitura e no auto-estudo, a partir de proposição de situações desencadeadoras planejadas pelo professor para a organização dos encontros dialógicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUEDES, A.; MEHLECKE, Q.; COSTA, J. **As percepções dos professores sobre o ensino a distância**: uma reflexão sobre as teorias pedagógicas e a EAD.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**. 8ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003 (Coleção educação contemporânea).

VASCONCELLOS, C. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 17ª Ed. São Paulo: Libertad, 2005.